www.revistaft.com.br

Revista FT | ISSN 1678-0817 | v. 30, n. 164, 2026 | DOI: 10.69849/s2k24y52

Raiva felina: revisão dos aspectos clínicos, diagnósticos e epidemiológicos

Feline rabies: a review of clinical, diagnostic, and epidemiological aspects

Thalita Vera da Silva[1]

RESUMO

A raiva é uma enfermidade viral de elevada importância para a saúde pública e para a medicina veterinária, devido à sua alta letalidade e ao potencial de transmissão entre animais e seres humanos. Causada por vírus do gênero Lyssavirus, a doença acomete mamíferos e apresenta tropismo pelo sistema nervoso central, resultando em manifestações neurológicas progressivas e, geralmente, fatais. Entre os animais domésticos, os felinos podem atuar como hospedeiros suscetíveis e participar da cadeia epidemiológica da enfermidade, principalmente quando expostos a animais infectados.

Nos gatos, a apresentação clínica da raiva pode variar, incluindo alterações comportamentais, agressividade, vocalização excessiva, alterações neurológicas, dificuldade de deglutição, paralisia e evolução para o óbito. O diagnóstico apresenta importância fundamental, uma vez que os sinais clínicos podem ser semelhantes aos observados em outras enfermidades neurológicas, sendo necessária a confirmação por métodos laboratoriais específicos.

Além dos aspectos clínicos e diagnósticos, a ocorrência da raiva em felinos possui relevância epidemiológica devido ao seu caráter zoonótico. A vacinação dos animais, a vigilância epidemiológica, o controle de animais potencialmente transmissores e a adoção de medidas de prevenção são fundamentais para reduzir a disseminação da doença. Dessa forma, esta revisão tem como objetivo abordar os principais aspectos clínicos, diagnósticos e epidemiológicos da raiva em felinos, destacando sua importância na medicina veterinária e na saúde pública.

Palavras-chave: Raiva; saúde pública; zoonose

ABSTRACT

Rabies is a viral disease of major importance to public health and veterinary medicine due to its high case-fatality rate and potential for transmission between animals and humans. Caused by viruses of the genus *Lyssavirus*, the disease affects mammals and exhibits tropism for the central nervous system, resulting in progressive neurological manifestations and, in most cases, death. Among domestic animals, cats are susceptible hosts and may participate in the epidemiological cycle of the disease, particularly when exposed to infected animals.

In cats, the clinical presentation of rabies may vary and include behavioral changes, aggression, excessive vocalization, neurological abnormalities, difficulty swallowing, paralysis, and progression to death. Diagnosis is of fundamental importance because the clinical signs may resemble those of other neurological diseases, making laboratory confirmation necessary through specific diagnostic methods.

1 Curso de Especialização em Atualização Hospitalar (pós-graduação lato sensu) do polo educacional ANCLIVEPA-SP – Associação Nacional dos Clínicos Veterinários de Pequenos Animais do Estado de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

In addition to its clinical and diagnostic aspects, the occurrence of rabies in cats has significant epidemiological relevance due to its zoonotic nature. Animal vaccination, epidemiological surveillance, control of potentially infected animals, and implementation of preventive measures are essential to reduce disease transmission. Therefore, this review aims to address the main clinical, diagnostic, and epidemiological aspects of rabies in cats, emphasizing its importance in veterinary medicine and public health.

Keywords: Rabies; public health; zoonosis

1 INTRODUÇÃO

A raiva é uma doença muito grave que afeta animais e humanos. Ela é causada por um vírus chamado raiva, que pertence à família Rhabdoviridae e ao gênero Lyssavirus. A raiva atinge o sistema nervoso central de mamíferos, causando problemas graves. A doença pode infectar muitas espécies diferentes de animais, e a transmissão acontece por meio de ciclos epidemiológicos distintos, como o urbano e o silvestre. No ambiente urbano, cães e gatos são os principais responsáveis por transmitir a doença, enquanto no ciclo silvestre, morcegos e outros animais selvagens desempenham um papel importante. Hoje, são conhecidas várias espécies de vírus relacionadas à raiva, e a maioria delas está associada a morcegos. Embora os sinais clínicos sejam semelhantes entre os diferentes vírus, é difícil diferenciar um do outro apenas pelos sintomas. A raiva é conhecida desde a Antiguidade e está presente em quase todos os continentes, exceto na Antártida.

Mesmo com avanços na prevenção e controle, a doença ainda é um problema, principalmente na saúde animal e preservação da fauna. Estudos na Europa mostram que, apesar dos programas de controle e erradicação terem dado bons resultados, ainda é difícil eliminar totalmente o vírus nos ambientes naturais. No Brasil, os morcegos, tanto os que se alimentam de sangue quanto os que não o fazem, são importantes na transmissão do vírus para animais domésticos. A melhor forma de prevenir a raiva é a vacinação.

Quando a doença já está presente, não há tratamento eficaz. Por isso, no caso de exposição humana ao vírus, a profilaxia pós-exposição é essencial para evitar a doença. Apesar de ser mortal, a raiva pode ser evitada se as medidas preventivas forem tomadas a tempo. A transmissão ocorre principalmente por meio da saliva de animais infectados, como em mordidas ou, em alguns casos, arranhões. Nos humanos, a doença causa sintomas neurológicos, como alterações de comportamento, manipulações, alucinações, dificuldade para engolir, medo da água e paralisia progressiva. A doença evolui rapidamente e, uma vez que os sintomas aparecem, o prognóstico é muito ruim. Além dos danos à saúde, a raiva causa impactos econômicos significativos, com gastos com vacinação, vigilância, assistência

médica e controle da doença. Desde a criação da vacina antirrábica por Louis Pasteur, muitas mudanças ocorreram no mundo. Muitos países conseguem eliminar a transmissão em certos ambientes, e outros reduzem muito os casos. No Brasil, apesar dos avanços, a raiva ainda é um problema. Ao longo do tempo, a transmissão por cães moderadamente, e o ciclo silvestre passou a ter mais importância. Isso está ligado às estratégias de vacinação e controle de obrigações pelo Ministério da Saúde.

2 PAPEL DO GATO NA TRANSMISSÃO DA RAIVA

Durante os últimos anos, a participação do gato doméstico na cadeia de transmissão da raiva vem ganhando maior visibilidade, porém, há uma quantidade restrita de estudos que abordam essa espécie de forma específica. O aumento da população felina e o fato desses animais viverem em ambientes domiciliados e urbanos fazem com que a importância epidemiológica desses animais seja mais reconhecida. De acordo com informações coletadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, a população de animais de estimação no Brasil era formada por cerca de 54,2 milhões de cães e 23,9 milhões de gatos. Entre os animais de estimação, os felinos demonstraram um grande crescimento, com um aumento de 8,1% em relação aos dados de 2013. Esse crescimento pode ser devido às características comportamentais da espécie, já que os gatos são simples de se adaptar a espaços menores e conseguem ficar sozinhos por mais tempo. Essas características tornam os gatos um animal de companhia ideal, principalmente com as mudanças no estilo de vida da população. Assim, a presença cada vez maior dos gatos nos lares brasileiros faz com que a participação deles nas estratégias de saúde pública e na prevenção da raiva também cresça. A preocupação com a participação dos felinos na epidemiologia da doença tem como principal motivo os hábitos comportamentais dos gatos e a chance de eles entrarem em contato com animais silvestres infectados. Em áreas urbanas, os gatos têm um comportamento predatório, podendo caçar diversas espécies de animais, incluindo morcegos. Essa relação é importante, pois os quirópteros são reservatórios importantes do vírus da raiva. Embora os morcegos hematófagos sejam os principais responsáveis pela transmissão da doença, as espécies insetívoras e frugívoras também podem transmitir a infecção. Além disso, as mudanças no meio ambiente e o fato de esses animais estarem mais próximos dos centros urbanos fazem com que eles tenham mais contato com os animais domésticos. Com isso, os hábitos de caça dos gatos fazem com que eles fiquem mais expostos ao vírus e ajudem a manter a circulação do agente infeccioso no ambiente. Os gatos domésticos são um dos principais predadores de

pequenos animais em áreas urbanas, interferindo na fauna local. Nesse sentido, os morcegos podem ser capturados durante as caçadas, o que aumenta a chance de os felinos ficarem expostos ao vírus rábico. Estudos mostram que a predação de morcegos por gatos é uma ameaça tanto para a preservação dessas espécies quanto para a saúde pública, pois os agentes infecciosos podem ser transmitidos durante o contato. Outro ponto importante é o comportamento agressivo dos felinos e a relação desse comportamento com a ocorrência de acidentes com seres humanos. As mordeduras e as arranhaduras podem ser uma forma de exposição a agentes infecciosos, incluindo o vírus da raiva, principalmente se o animal não tiver um histórico vacinal conhecido ou se tiver vários acessos à rua. Nos Estados Unidos, há muitos registros de agressões causadas por gatos, o que mostra que esses acidentes também são importantes epidemiologicamente. Embora os danos causados aos felinos sejam vistos como menos preocupantes do que os causados por cães, há um risco de transmissão de doenças através da saliva e do contato com os tecidos lesionados. A falta de conhecimento sobre esses riscos pode fazer com que os acidentes com gatos não sejam notificados. O abandono de animais também é um problema importante para a saúde pública, principalmente quando está associado à reprodução descontrolada e à formação de população de felinos sem acompanhamento. No Brasil e em outros países da América Latina, o número de animais em situação de vulnerabilidade continua sendo preocupante. Dados do Instituto Pet Brasil demonstraram que havia cerca de 3,9 milhões de cães e gatos nessa situação, sendo que cerca de 31% desse total era formado pela população felina. A presença de animais abandonados, o fato de eles poderem circular livremente, os hábitos predatórios e a falta de embarque veterinário podem fazer com que eles tenham mais contato com reservatórios silvestres e dificultar a realização de ações preventivas contra a raiva. A vacinação continua sendo a principal forma de prevenção e controle de doenças em animais domésticos. Para isso, a vacinação de cães e gatos é fundamental para reduzir a quantidade de vírus circulando e diminuir o risco de as pessoas se infectarem. No entanto, as campanhas de vacinação precisam ser planejadas levando em consideração as características comportamentais e as necessidades de manejo dos felinos, que são diferentes dos cães. Questões como a contenção, o transporte e o atendimento desses animais precisam ser levados em consideração para que os pacientes e os profissionais que estão trabalhando em seguros, além de garantir a qualidade dos serviços que estão sendo prestados. Assim, as campanhas devem ser planejadas de forma a contemplar a população felina, para que esses animais não sejam esquecidos nas ações de controle epidemiológico. A ocorrência de casos de raiva humana causada pela transmissão por gatos mostra que essa espécie também deve ser considerada nas ações de vigilância da raiva.

Em um estudo feito por Vargas e colaboradores, que analisou os dados de raiva humana no Brasil entre os anos de 2000 e 2017, foi constatado que o número de casos diminuiu ao longo do período treinado, sendo que a maioria das infecções foi causada por animais silvestres, principalmente morcegos. No entanto, foram registados seis casos de transmissão por felinos. Algumas dessas ocorrências foram causadas pela variante antigênica AgV3, que é a mesma encontrada em morcegos hematófagos, o que indica que os gatos podem atuar como possíveis transmissores da doença após terem tido contato com reservatórios silvestres. Em 2019, também foi registrado no Brasil um caso de raiva humana transmitido por um felino, que foi causado pela mesma variante viral. Esses registros mostram como a vigilância epidemiológica e a vacinação dos gatos, principalmente aqueles que têm acesso ao ambiente externo, são importantes. Os dados epidemiológicos dos Estados Unidos também mostram que os gatos se infectam com o vírus rábico. Em um levantamento feito em 2016, foram avaliados 21.807 felinos que foram submetidos a testes laboratoriais, sendo que 257 deles tiveram resultado positivo para a doença, o que corresponde a cerca de 1,2% das amostras comprovadas. Embora tenha ocorrido um aumento em relação ao ano anterior, a quantidade de resultados positivos foi próxima à média dos cinco anos anteriores. Em uma avaliação feita em 2018, foram identificados 241 casos positivos entre 21.764 gatos testados, o que representa cerca de 1,1% do total e uma redução em relação ao período anterior. Apesar dessas diferenças, os resultados mostram que os felinos ainda estão envolvidos na epidemiologia da doença, o que justifica a manutenção das medidas de prevenção e monitoramento. No Brasil, a cobertura vacinal para gatos também é um problema. Estudos mostram que a maioria dos estados tem taxas de vacinação da população felina que vive em casa que abaixo das metas que são recomendadas pelos órgãos de saúde. Isso pode ser devido à dificuldade de acesso dos gatos aos serviços veterinários, à menor participação desses animais nas campanhas públicas e à falta de informação dos donos sobre a necessidade de vacinar os animais. A falta de informação dos tutores também é um problema importante para o controle da raiva em felinos. Pesquisas realizadas em vários países demonstraram que alguns tutores não sabem que os gatos podem se infectar com o vírus rábico ou não acham que é necessário vacinar os animais todos os anos ou de acordo com as recomendações do protocolo que está sendo usado. Também foram observadas dúvidas sobre a gravidade da doença e a evolução clínica, como a ideia de que a vacinação após o surgimento dos sintomas poderia impedir a evolução da doença. Esse cenário mostra como a educação em saúde e a orientação dos tutores sobre os riscos da exposição dos felinos ao vírus são importantes. A baixa A cobertura vacinal também é mostrada pelos registros de animais que foram divulgados com raiva. Em um levantamento

feito nos Estados Unidos, entre os 257 gatos que tiveram resultado positivo para a doença em 2016, apenas um tinha um histórico de vacinação. Em outro estudo, feito em 2018, apenas dois dos 241 felinos que foram declarados tinham sido vacinados. Esses dados mostram como a vacinação é uma forma de prevenir a doença e reforçam a necessidade de conscientizar os tutores sobre a vacinação dos gatos, não importando se eles ficam apenas dentro de casa ou têm acesso à rua.

3 ETIOLOGIA, PATOGENIA E MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS DA RAIVA EM FELINOS

O vírus da raiva (RABV) apresenta distribuição mundial e é o principal agente etiológico entre os vírus do gênero Lyssavirus, sendo o responsável pela maioria dos casos de encefalite associados a este grupo viral. O gênero inclui diferentes espécies virais, muitas delas associadas a morcegos como hospedeiros naturais. Entre as espécies descritas, estão o vírus da raiva (RABV), o vírus Duvenhage (DUVV), o lyssavírus de morcegos europeus dos tipos 1 e 2 (EBLV-1 e EBLV-2), o lyssavírus de morcego australiano (ABLV), o vírus Aravan (ARAV), Khujand (KHUV), Lagos bat (LBV), Mokola (MOKV), West Caucasian bat virus (WCBV), Irkut (IRKV), Shimoni (SHIBV), Bokeloh (BBLV) e Ikoma (IKOV). Estes agentes causam manifestações neurológicas semelhantes às observações na raiva clássica, embora possam apresentar diferenças quanto à distribuição geográfica e aos seus respectivos hospedeiros e reservatórios naturais. No Brasil o vírus da raiva apresenta diferentes variantes antigênicas cuja identificação está relacionada principalmente aos hospedeiros responsáveis pela manutenção do agente na natureza. Entre as variantes de importância epidemiológica, destacam-se a variante antigênica 2 (AgV2), historicamente associada aos cães, e a variante antigênica 3 (AgV3), relacionada principalmente aos morcegos hematófagos da espécie Desmodus rotundus. A variante AgV3 apresenta relevância na epidemiologia da doença devido à sua capacidade de infectar diferentes espécies de mamíferos, incluindo animais domésticos e seres humanos. Nos casos de raiva humana transmitidos por gatos registrados no Brasil, essa variante também foi identificada, evidenciando a participação de felinos na transmissão do vírus após o contato com reservatórios silvestres. A transmissão do vírus da raiva ocorre principalmente pela inoculação de saliva contaminada em tecidos lesionados, especialmente por meio de mordeduras de animais infectados. Após penetrar no organismo do hospedeiro, o agente pode inicialmente alcançar o tecido muscular, onde ocorre sua multiplicação. Posteriormente o vírus invade as terminações nervosas periféricas e penetra

nos neurônios utilizando diferentes receptores celulares entre eles os receptores nicotínicos da acetilcolina. A partir deste processo, inicia-se a transmissão viral em direção ao sistema nervoso central (SNC), por meio do transporte axonal retrógrado. Após atingir o tecido nervoso central, ocorre a disseminação para diferentes regiões do sistema nervoso. Nas etapas posteriores da infecção, o vírus espalha outros tecidos por meio da propagação neural, incluindo as glândulas salivares, onde se multiplica nas células glandulares. A presença de partículas virais na saliva possibilita a transmissão para outros animais e representa uma etapa fundamental no ciclo de propagação da doença. O período de incubação da raiva em felinos apresenta ampla variação, podendo compreender algumas semanas ou se estender por vários meses. Sua duração depende de diferentes fatores, entre eles a quantidade de vírus inoculado, a gravidade da lesão e a localização da porta de entrada do agente infeccioso. A distância entre o local da inoculação e o sistema nervoso central também exerce influência sobre este intervalo, considerando que o vírus necessita alcançar as terminações nervosas periféricas para iniciar sua progressão em direção ao SNC. Dessa forma, lesões próximas à cabeça e regiões com maior densidade de inervação podem estar associadas a períodos de incubação mais curtos. Outros fatores, como a idade do animal, a virulência da variante viral e as condições imunológicas do hospedeiro, também podem interferir na evolução da infecção. As manifestações clínicas de raiva em felinos apresentam grande variabilidade, o que torna o diagnóstico clínico desafiador, especialmente nas fases iniciais da enfermidade. Alterações comportamentais de início súbito, agressividade sem causa aparente e mudanças inesperadas na interação com pessoas e outros animais devem ser consideradas sinais de alerta. A suspeita clínica torna-se ainda mais relevante quando existe histórico de mordeduras, confrontos com outros animais ou contato com espécies de vida livre, principalmente morcegos. Em comparação aos cães, os gatos infectados podem apresentar maior tendência ao isolamento, procurando locais escondidos e afastados, além de se manifestarem episódios de agressividade acentuados. Na espécie felina, a doença pode apresentar duas formas clínicas principais: a furiosa e a paralítica, também referidas silenciosamente. A forma furiosa é frequentemente descrita em gatos e pode apresentar três fases evolutivas: prodrômica, excitatória e paralítica. Entretanto, essas etapas nem sempre são claramente identificáveis, podendo ocorrer sobreposição entre os sinais clínicos. Na forma paralítica, por sua vez, a fase excitatória pode estar ausente ou apresentar manifestações pouco evidentes, predominando os distúrbios motores e neurológicos. Durante a fase prodrômica, os animais podem apresentar manifestações inespecíficas, como febre, anorexia e vômitos, acompanhadas de alterações comportamentais, incluindo irritabilidade, inquietação e vocalização excessiva. Com a

progressão da infecção e o comprometimento de estruturas diferentes do sistema nervoso, surgem manifestações neurológicas mais destacadas. O comprometimento dos nervos cranianos pode ocasionar alterações nos reflexos palpebrais e pupilares, estrabismo, hipotonia mandibular, disfagia e paralisia laríngea. Quando há envolvimento do prosencéfalo, podem ser observados sinais como fotofobia, agressividade e comportamento de morder objetos ou estruturas do ambiente. À medida que a doença evolui, os distúrbios neurológicos tornam-se progressivamente mais graves, podendo culminar em paralisia generalizada, comprometimento da musculatura respiratória e insuficiência respiratória, levando o animal ao óbito. Na apresentação paralítica, predominam os déficits motores, cuja progressão também pode resultar em comprometimento de infecções e morte.

4 DIAGNÓSTICOS DIFERENCIAIS PARA RAIVA EM FELINOS

O diagnóstico diferencial da raiva em felinos representa um desafio na rotina clínica veterinária, uma vez que a enfermidade pode apresentar manifestações neurológicas e comportamentais semelhantes às observadas em outras doenças que acometem o sistema nervoso central. Alterações como agressividade, desorientação, ataxia, paresia, paralisia, disfagia e convulsões não são exclusivas da infecção pelo vírus rábico, sendo necessário considerar outras enfermidades durante a avaliação clínica.

Entre as principais doenças que devem ser consideradas no diagnóstico diferencial estão a toxoplasmose, a peritonite infecciosa felina (PIF) na forma neurológica, a criptococose, a meningoencefalite de diferentes etiologias e a infecção pelo vírus da leucemia felina (FeLV) e pelo vírus da imunodeficiência felina (FIV), especialmente quando associadas a manifestações neurológicas. Essas enfermidades podem provocar alterações no comportamento, comprometimento da coordenação motora e déficits neurológicos, dificultando a diferenciação exclusivamente pelos sinais clínicos.

A toxoplasmose, causada pelo protozoário Toxoplasma gondii, pode ocasionar alterações neurológicas, incluindo ataxia, convulsões, paresia e alterações comportamentais. A forma neurológica da peritonite infecciosa felina, por sua vez, pode provocar alterações na marcha, incoordenação motora, nistagmo, convulsões e comprometimento de nervos cranianos. Já a criptococose, causada principalmente pelo fungo Cryptococcus neoformans e também por Cryptococcus gattii, pode atingir o sistema nervoso central, ocasionando sinais como alterações de comportamento, déficits motores, convulsões e alterações nos nervos cranianos.

Além das enfermidades infecciosas, intoxicações por substâncias neurotóxicas, traumatismos cranioencefálicos, neoplasias intracranianas e distúrbios metabólicos também devem ser considerados, pois podem produzir manifestações neurológicas agudas ou progressivas. A investigação da exposição a agentes tóxicos, o histórico de traumatismos e a evolução dos sinais clínicos são informações importantes para direcionar a investigação diagnóstica.

Apesar das semelhanças clínicas entre essas enfermidades, a suspeita de raiva exige atenção especial, principalmente quando o animal apresenta alterações comportamentais súbitas, histórico de contato com morcegos ou outros animais potencialmente infectados e ausência de vacinação antirrábica. É importante ressaltar que a avaliação clínica isolada não permite confirmar ou descartar a doença, sendo necessária a realização de exames laboratoriais específicos para a identificação do agente viral. Diante da suspeita, devem ser adotadas imediatamente as medidas de biossegurança e notificação previstas pelas autoridades sanitárias, evitando o contato desprotegido com o animal e suas secreções.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A raiva felina representa uma importante questão de saúde pública e saúde animal, devido à elevada letalidade da enfermidade e ao seu potencial de transmissão entre animais e seres humanos. Embora os cães tenham desempenhado historicamente um papel significativo na disseminação do vírus, os gatos também merecem atenção no contexto epidemiológico, principalmente em razão de seus hábitos predatórios, da possibilidade de contato com morcegos infectados e do acesso frequente a ambientes externos.

A partir da revisão bibliográfica realizada, observa-se que a apresentação clínica da raiva em felinos pode variar consideravelmente, envolvendo alterações comportamentais, manifestações neurológicas, agressividade, ataxia, disfagia e paralisia progressiva. Essa diversidade de sinais clínicos pode dificultar o reconhecimento da enfermidade e reforça a importância da investigação epidemiológica, considerando o histórico de vacinação e a possibilidade de exposição a animais infectados. Além disso, a semelhança com outras doenças neurológicas torna necessário considerar diferentes possibilidades no diagnóstico diferencial, ressaltando que a confirmação da raiva depende de exames laboratoriais específicos.

Outro aspecto relevante identificado é a necessidade de ampliar a conscientização dos responsáveis sobre a importância da vacinação antirrábica dos gatos, inclusive daqueles que

permanecem predominantemente em ambientes domiciliares. A ausência de imunização, associada ao comportamento exploratório e predatório da espécie, pode aumentar a vulnerabilidade desses animais à infecção pelo vírus.

Dessa forma, conclui-se que os felinos devem ser incluídos de maneira efetiva nas estratégias de prevenção, vigilância epidemiológica e controle da raiva. A ampliação das campanhas de vacinação, a orientação dos tutores, o controle populacional e a identificação de situações de risco são medidas fundamentais para reduzir a circulação viral e prevenir casos em animais e seres humanos. Portanto, o reconhecimento da importância epidemiológica dos gatos é indispensável para o fortalecimento das ações de saúde pública e para o controle da raiva no Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Manual de vigilância, prevenção e controle de zoonoses: normas técnicas e operacionais**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Raiva: publicações e documentos técnicos**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [s. d.]. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/raiva. Acesso em: 7 nov. 2026.

CASTILHO, J. G. *et al.* The epidemiological importance of bats in the transmission of rabies to dogs and cats in the state of São Paulo, Brazil, between 2005 and 2014. **Zoonoses and Public Health**, v. 64, n. 6, p. 423-430, 2017. DOI: https://doi.org/10.1111/zph.12320.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). **Laboratory methods for rabies testing**. [S. l.]: CDC, [s. d.]. Disponível em: https://www.cdc.gov/rabies/php/labs-specimens/testing.html. Acesso em: 7 nov. 2026.

FEHLNER-GARDINER, C. *et al.* Rabies in cats—an emerging public health issue. **Viruses**, v. 16, n. 10, art. 1635, 2024. DOI: https://doi.org/10.3390/v16101635.

FOOKS, A. R. *et al.* Rabies. **Nature Reviews Disease Primers**, v. 3, art. 17091, 2017. DOI: https://doi.org/10.1038/nrdp.2017.91.

LIMA, J. S. de *et al.* Cat rabies in Brazil: a growing One Health concern. **Frontiers in Public Health**, v. 11, art. 1210203, 2023. DOI: https://doi.org/10.3389/fpubh.2023.1210203.